

ANAIS DO
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava
Secretário Geral da ANPUH

O HOMEM E A TÉCNICA

Volume II

SÃO PAULO - BRASIL

1979

PRESEÇA ARABE NA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO TÉCNICAS TRAZIDAS PELOS IMIGRANTES^(*)

*Pe. José Oscar Bozzo
Joubran Jamil E. Jurr*

*da Universidade de São
Paulo.*

INTRODUÇÃO

O propósito inicial da pesquisa era a identificação de técnicas trazidas pelos imigrantes de origem árabe, e que conseguiram sobreviver aqui no Brasil.

A palavra "técnicas" foi tomada no sentido bem amplo de "modo de fazer" as coisas, nos diferentes domínios da atividade humana, incluindo-se aí, não só o artesanato, mas também o comércio, a lavouva, a cozinha, a medicina, a confecção do vestuário.

O porquê deste interesse reside no fato de que a contribuição de outros grupos culturais, italianos e alemães no Rio Grande do Sul, eslavos no Paraná, japoneses em São Paulo, negros no conjunto do país, indígenas na Bacia Amazônica, já mereceram estudos quanto às técnicas introduzidas, aqui aclimatadas e que perduram incorporadas nos costumes e no saber fazer das populações imigrantes e mesmo da população nacional.

A contribuição do grupo de origem árabe, além de pouco estudada, limita-se quase sempre, à veiculação do esteriótipo do mascate ou do pequeno lojista de tecidos e amarrinhos.

A primeira dificuldade encontrada pelos pesquisadores residiu na própria definição da população assim chamada "árabe". Na realidade, entre as populações do interior o imigrante árabe é identifica-

(*) Comunicação apresentada na 5a. Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 22 de julho de 1977 (*Nota de Recuperação*).

do pela alcunha genérica e algo pejorativa, inclusive para os próprios árabes, de "turco". Reminiscências talvez da situação anterior à Primeira Guerra Mundial, em que as populações árabes encontravam-se submetidas ao Império Otomano, sendo sua documentação legal expedida pelo Estado Otomano, fossem eles egípcios, palestinos, sírios, libaneses ou turcos.

Se a população os identifica como turcos é muito vivo o senso de identidade do próprio imigrante que se auto-define como sírio, como libanês ou palestino. Tanto a denominação "turco", como o nome genérico "árabe" são pois inadequados para caracterizar os diferentes grupos imigrantes de língua e cultura árabes.

Não encontramos entretanto um nome suficientemente genérico para abranger a todos os grupos imigrantes e que não apresentasse demasiados inconvenientes, a não ser o de "árabe".

A escolha justifica-se pela evolução atual do Oriente Médio e norte da África onde o qualificativo "árabe" presta-se melhor do que qualquer outro para exprimir a extrema riqueza de populações ocidentalizadas encontradas em Beirute, felãs trabalhando a terra no Egito, grupos nômades arabizados, sírios do norte, tunisianos e argelinos, sauditas, iemenitas, palestinos e jordanianos. Embora, a religião, o "Islam" pudesse servir também de traço de união e como fonte de identidade, a presença de minorias importantes como no Líbano, constituída por cristãos, faz com que as pessoas possam se sentir ao mesmo tempo "árabes" cultural e politicamente e "cristãos" do ponto de vista religioso.

O qualificativo "árabe" foi então escolhido como o menos inadequado para os objetivos da pesquisa.

Era pois preciso delimitar para fins práticos, dois universos:

- O Universo de origem do imigrante:

Quem seria identificado como "árabe" para efeito da pesquisa?

Qual o critério de inclusão e de exclusão dos indivíduos?

O critério adotado foi o de considerar "árabes" os indivíduos que utilizam esta língua como veículo de comunicação, trazido do berço.

- O segundo universo a ser delimitado era o da área a ser pesquisada. Reunindo de um lado o interesse do Prof. Joubran Jamil El Murr, professor de Língua, Literatura e Cultura Árabes da Universidade de São Paulo, e de outro, o do Centro de Estudos Regionais, que se dedica ao estudo do oeste paulista, delimitou-se como campo de pesquisa um segmento do oeste de São Paulo, o da região Noroeste, que se estende de Bauru à fronteira com Mato Grosso no Rio Paranã, limitada ao norte pelo Rio Tietê e ao sul pelo Rio Feio ou Aguapeí.

A região compreende pouco mais de meia centena de municípios. Pelo censo de 1970 foram identificados os municípios com maior incidência de população árabe residente, tendo a pesquisa se circunscrito a quatro destes municípios: Lins, Penápolis, Birigui, Araçatuba.

QUADRO I - Municípios da Região Noroeste
População Árabe Residente

1970

MUNICÍPIOS	LIBANESES		SÍRIOS		TURCOS		TOTAL
	N	%	N	%	N	%	
Promissão	7	70,0	3	30,0	0		10
Penápolis	20	55,5	13	36,1	3	8,3	36
Birigui	26	61,9	12	28,6	4	9,5	42
Araçatuba	62	68,1	29	31,9	0		91
Lins	23	57,5	12	30,0	5	12,5	40
Andradina	58	95,0	3	5,0	0		61
TOTAL	196	70,0	72	25,7	12	4,3	280

(Fonte: IBGE - Censo de 1970 Sinopse - São Paulo)

Deste quadro depreende-se claramente a predominância do imigrante de origem libanesa, responsável por 70% dos efetivos, seguido pelo imigrante sírio responsável por um quarto do total, deixando o elemento turco com apenas 4,3% do total. O número de árabes deve ser levemente superior, incluindo prováveis elementos palestinos.

nos, classificados entre "outros" nos dados do Censo que se restringe apenas aos grupos imigrantes mais numerosos, ou ainda, árabes recenseados como turcos.

É necessário ainda avaliar-se a ordem de grandeza do contingente árabe no conjunto da população imigrante destes municípios.

Estes dados não são disponíveis a não ser para o Censo de 1970, pois o Censo de 1940 restringia-se aos grupos mais numerosos. Assim em 1940, para o município de Lins, numa população total de 65.486 habitantes, havia 8.374 estrangeiros ou seja 12,8% da população aos quais devia-se acrescentar um total de 601 estrangeiros naturalizados, ou seja, mais 0,91%. Destes a grande maioria era constituída por japoneses que somavam 5.462 perfazendo 65,22% da população estrangeira.

Podia-se tentar um cálculo aproximativo através do ítem religião, mas este mesmo é aleatório, pois os libaneses católicos, perdem-se no conjunto dos católicos. Entre os ortodoxos é possível que haja árabes. São mesmo os maometanos poderiam oferecer um indicador mais seguro, se bem que alguns poderiam ser turcos. Neste caso, era apenas 8 o número de pessoas de religião muçulmana no município em 1940.

Em 1950, o Censo indica apenas o número total de estrangeiros sem discriminar a nacionalidade. Estes eram em número de 4.188, representando apenas 7,43% da população recenseada do município de Lins, num total de 56.304 pessoas.

O Censo de 1960 não teve seus dados definitivos divulgados, restando apenas os dados do censo de 1970, onde para o mesmo município de Lins o total de estrangeiros caiu para 1.104 pessoas sobre uma população de 45.555. Percentualmente estes representam apenas 2,42% da população. Entre os estrangeiros, os de origem árabe perfazem 3,62%, diminuto se comparado aos japoneses que somam 58,8% ou aos espanhóis, 11,8% ou ainda a portugueses e italianos com 9,0% cada um.

Este é um dado importante pois o grupo de origem árabe apresenta-se como uma pequena minoria no seio de uma outra minoria que é o

grupo estrangeiro em meio a população brasileira.

Podíamos ainda perguntar-nos se a proporção dos árabes entre imigrantes na região Noroeste difere sensivelmente da proporção verificada para o conjunto dos estrangeiros no Estado de São Paulo, ou ainda se a proporção de sírios-libaneses é a mesma.

No que tange ao conjunto de estrangeiros, no ano de 1950, estes somavam 627.433 numa população de 9.134.423, ou seja, 6,86%. Dentre os estrangeiros, os árabes alcançavam 22.332, percentualmente 3,55%. Estes dados não diferem substancialmente da proporção verificada em Lins. Deste total sírios e libaneses atingiam 92,52%, ficando os restantes 7.48% distribuídos entre turcos, egípcios e outros.

Outro fator importante é que o grupo árabe constitui quase sempre uma população citadina, dedicada ao pequeno comércio, quando não ao comércio itinerante. Nestas condições o grupo deixa de contar com aquela salidez de laços que a posse da terra e uma comunidade culturalmente homogênea pode oferecer aos seus membros.

É necessário pois buscar outros instrumentos para a luta contra a perda da própria identidade e para a conservação das tradições. É claro que a família oferece um quadro tradicionalmente propício à conservação da própria cultura e dos costumes, sobretudo quando os casamentos se realizam dentro do mesmo grupo étnico e linguístico. Uma questão pois importante é se os membros do grupo árabe da primeira e da segunda geração continuam casando dentro do seu grupo linguístico e cultural. Mas é necessário investigar-se, para além da família, se houve outras formas de preservação da identidade cultural do grupo árabe.

A religião podia ser esse fator, poderoso entre todos para a conservação da tradição árabe. No caso do Brasil, a pressão da maioria católica parece que acabou se impondo inclusive aos católicos de ritos orientais, pela dificuldade destes, quando dispersos, de reunirem-se numa comunidade de culto, assistida por um padre de rito oriental. Para os muçulmanos a dificuldade foi ainda maior, pois o meio nunca facilitou, sobretudo no caso das crianças que vão à escola, a criação de um espaço de tolerância para a permanência ou a

expressão das formas religiosas muçulmanas, a começar pela ausência de locais de culto. As mesquitas em todo o país são apenas em número de sete, quase todas construídas agora na década de 1970, a maioria nas capitais.

Isto talvez explique o número bastante grande de clubes sírio-libaneses que reúne nas cidades maiores o segmento mais próspero da população de origem árabe. Há inclusive um dito popular no Brasil dizendo que o árabe, quando é pobre, é chamado de turco: se melhora de vida, torna-se sírio e no caso de enriquecer-se, libanês.

A função dos clubes merece ser estudada como uma das formas de organização e aglutinação da comunidade de língua árabe mais abastada. Ficaria em aberto a questão: quais os mecanismos utilizados pela população de poder aquisitivo menor para entreter e preservar sua herança cultural?

TÉCNICA EMPREGADA NA PESQUISA.

Uma vez definido o universo e escolhidos os quatro municípios a serem pesquisados; Lins, Penápolis, Birigui e Araçatuba, com uma população total de árabes da ordem de 209 pessoas, no ano de 1970, passou-se à fase de listagem destes indivíduos. O número de pessoas era de fato inferior pois os dados são de 1970 e a pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 1977. A maioria dos imigrantes é constituída por pessoas já de idade avançada e portanto sujeita à mortalidade bem mais elevada do que no conjunto da população. A região por sua vez perdeu muita população nos últimos anos e nada indica que a tendência a deixar a região não tenha atingido também, o grupo árabe, dotado de grande mobilidade espacial. Um dado que milita contra esta hipótese é a média de idade elevada do grupo: sabe-se que a população mais jovem e solteira desloca-se mais facilmente do que a população em idade já avançada e com família constituída.

Em todo caso, procurou-se levantar os nomes e endereços dos árabes residentes nestes municípios, começando-se por visitar famílias conhecidas no seio da colônia que davam por sua vez os nomes

de outras. O manuseio das listas telefônicas, na procura de sobrenomes árabes foi um instrumento auxiliar para o levantamento inicial do universo a ser pesquisado.

Optou-se pela utilização de um questionário e pelo emprego de entrevistadores, todos com curso universitário. Em duas das cidades, as pesquisadoras pertenciam a tradicionais famílias de origem árabe, o que facilitou o contato e reduziu praticamente a zero a recusa de se responder aos pesquisadores.

PRESENÇA ÁRABE NA REGIÃO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.
TÉCNICAS TRAZIDAS PELOS IMIGRANTES.

FICHA DE PESQUISA

- I - IDENTIFICAÇÃO - Nome.....
Sexo - masculino / / feminino / /
Local de nascimento.....Data.....
Religião.....Religião dos pais.....
" dos filhos.....
- II - EMIGRAÇÃO - Data de chegada no Brasil.....
País..... e localidade onde morava.....
Emigrou sozinho? / / com outras pessoas?Quais?
.....Quantas?.....
Com que navio chegou?
Em que porto?.....
Qual o motivo da emigração?.....
.....
- III-SITUAÇÃO LOCAL - Qual o primeiro local de sua instalação no Brasil?.....
.....
Quais os seguintes?.....
Quando chegou aqui onde está?.....
- a) profissão Qual sua primeira profissão no Brasil?.....

Qual sua profissão antes de emigrar?.....
 Qual sua profissão atual?.....
 Teve outras profissões entre sua primeira no
 Brasil e a atual?.....Quais?.....
 Qual era a profissão de seu pai?.....

b) escolaridade

Ao sair de seu país, que estudos havia feito?

- nenhum / / primário incompleto / /
 completo / /

- ginásio incompleto / / completo / /

- superior incompleto / / completo / /

Iniciou ou completou estudos no Brasil?

Sim- / / não / /

IDENTIFICAÇÃO - Nome

De que série a que série?

c) família Chegou casado no Brasil?.....Casou-se aqui ?

Qual a nacionalidade de sua esposa(o)?.....

Qual a profissão da esposa ao casar-se?.....

Quantos filhos tiveram?.....

Qual a profissão de cada um, partindo dos
 pais velhos?.....

.....

.....

.....

O QUESTIONÁRIO

Este foi elaborado em torno de quatro itens:

Identidade do entrevistado:

- sexo,
- idade,
- local de nascimento,
- religião própria, dos pais e dos filhos.

Emigração:

- data de chegada no Brasil,
- nome do país e localidade de onde emigrou,
- a emigração foi individual ou em grupo,
- com que navio viajou,
- em que porto desembarcou no Brasil,
- qual o motivo da emigração.

Situação Local:

- envolvendo a mobilidade espacial,
- mobilidade profissional,
- escolaridade,
- situação familiar:
- chegou ao Brasil casado ou solteiro,
- casou com pessoa árabe ou brasileira,
- número de filhos,
- profissão.

O quarto ítem foi dedicado às "técnicas" eventualmente trazidas pelo imigrantes. Este ítem foi desdobrado em algumas áreas: comércio, lavoura, cozinha, medicina, costura. Pode parecer estranho que nada tenha sido perguntado a respeito de técnicas na área industrial. Foi proposital, pois os municípios pesquisados caracterizam-se pela predominância da economia agrícola, com seus centros urbanos voltados mais para o comércio e os serviços.

O setor secundário é inexpressivo e na pesquisa exploratória realizada antes da elaboração do questionário não foi constatada a presença do elemento árabe neste segmento da economia.

O questionário foi aplicado a um total de 46 pessoas. Tomando-se como base o total de pessoas identificadas como árabes pelo censo de 1970, teria sido entrevistado pouco mais de um quinto, ou seja 22% do total. Na realidade, pelas razões acima expostas é bem provável que o número se tenha reduzido nos sete anos que medeiam entre o censo e a pesquisa e neste caso entrevistou-se com bastante probabilidade um quarto do universo, amostra razoavelmente significativa, embora a pesquisa não buscasse extrapolações estatísticas

para o conjunto da população árabe, guardando um caráter bem mais exploratório.

RESULTADOS DA PESQUISA

I - Dados de Identificação

Sexo: Do total das entrevistas, apenas 15% foram realizadas com mulheres e 85% com homens. Isto reflete em parte a própria estrutura da emigração, sobretudo não planejada globalmente, onde acaba predominando o elemento masculino, não casado. Não temos condições de afirmar que a proporção na imigração fosse desta mesma ordem.

País de origem: Combinamos esta variável com a data de chegada no Brasil conforme o quadro abaixo. No total os libaneses respondem por 56,5%, os sírios por 30,4% e os palestinos por 10,9%. Se considerarmos a época da chegada ao Brasil podemos verificar que há dois períodos emigratórios mais fortes, até 1929, que contribui com quase a metade dos efetivos (47,8%) e 1950-77, com uma proporção semelhante (41,3%). O período intermediário de 1930-49, responde com apenas 10,9% da imigração.

Tomando-se por países, 78,5% da imigração síria realiza-se antes de 1929; a palestina pelo contrário é inteiramente do último período, o que corresponde à fase das guerras da partilha da Palestina que resultaram na criação do Estado de Israel e no deslocamento maciço da população palestina árabe.

QUADRO II - PAÍS DE ORIGEM E DATA DE CHEGADA NO BRASIL

PAÍS	atê 1929		1930-49		1950-77		total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Líbano	10	38,4	3	11,5	13	50,0	26	100,0
Síria	11	78,5	2	14,2	1	7,1	14	100,0
Palestina	-	-	-	-	5	100,0	5	100,0
Outros	1	100,0	-	-	-	-	1	100,0
Total	22	47,8	5	10,9	19	41,3	46	100,0

QUADRO III - PROPORÇÃO DE LIBANESES, SÍRIOS E PALESTINOS POR PERÍODO

PAÍS	atê 1929	1930-49	1950-77	total
Líbano	45,4	60,0	68,4	56,5
Síria	50,0	40,0	5,2	30,4
Palestina	-	-	26,4	10,9
Outros	4,6	-	-	2,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

RELIGIÃO DOS IMIGRANTES

Esta questão foi introduzida com uma dupla finalidade: Conferir a repartição dos imigrantes entre os diversos credos religiosos. O fato de o Brasil ser um país de tradição católica, desestimularia a vinda de imigrantes muçulmanos? Favoreceria a vinda de imigrantes católicos ou ortodoxos?

Uma segunda finalidade era examinar a persistência da tradição religiosa, verificando se de pai para filhos conservava-se a mesma fé.

Um primeiro quadro levanta a religião do imigrante, pondo em correlação a religião de seus pais e de seus filhos. Um segundo quadro examina ao longo do tempo as variações do grupo de imigrantes segundo a sua religião.

Quadro IV - Religião do imigrante em relação à de seu pai e filhos.

Imigrante	Católico		Ortodoxo		Muçulmano		Maronita		Druso		Prot. Espirite		Total
	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	
Católico		8	1					1					10
Ortodoxo		8	14	1								1	14
Muçulmano		4			18	11							16
Maronita	1	1					1	1					2
Druso		1							1				1
Protestante		1								1			1
Total	9	25	15	1	18	11	2	1	1	1		1	46

O quadro acima permite-nos várias observações acerca da religião dos imigrantes e do impacto trazido pela mudança de países ou regiões de tradição muçulmana ou ortodoxa para um país de tradição católica.

Quase 40% (39,3%) dos imigrantes são de religião muçulmana, 30,4%, ortodoxos e 21,7% católicos. A imigração católica esta ausente depois de 1950, como poderemos ver no quadro seguinte e concentra-se quase toda ela antes dos anos 30. Até 1930 a imigração muçulmana é praticamente nula, concentrando-se, inversamente após 1950. A pro-

porção de católicos é muitas vezes superior à sua proporção no seio da população árabe, embora esta situação inverta-se no caso do Líbano. Aí os cristãos perfazem 55,7% da população, ficando os muçulmanos com 37,7%. O grupo maronita católico, o mais numeroso dentre os cristãos alcança 29% do total da população. Na medida em que os imigrantes vinham do Líbano não é de se estranhar a alta percentagem de católicos e de ortodoxos, ainda mais quando se sabe que a população muçulmana, até recentemente não emigrava do país.

2. Os dois grupos mais numerosos, muçulmanos e ortodoxos reagem de modo bastante diverso ao meio religioso brasileiro que os acolhe. Dos 14 imigrantes ortodoxos, há apenas um cujos filhos permanecem ortodoxos, 1 torna-se espírita, enquanto os filhos de 8 deles, passam para a religião católica. Dos 18 muçulmanos, os filhos de 11 deles continuam fiéis ao islamismo, ainda que 4 passem ao catolicismo.

Os dados permitem conclusões: Primeira, o meio católico exerce uma poderosa influência, conquistando quase todos os filhos de ortodoxos e até mesmo uma parte ponderável (1/4) dos filhos de muçulmanos; segunda, os muçulmanos conseguem resistir bem mais do que os ortodoxos à influência do meio. Para eles a passagem de uma religião à outra supõe uma ruptura radical, enquanto para o ortodoxo, nascido e educado na mesma tradição cristã, sem nenhuma divergência profunda tanto em teologia como na disciplina dos sacramentos com a Igreja Católica, passa-se mais facilmente para a prática religiosa no catolicismo. Devemos acrescentar que a situação no interior do Estado de São Paulo, onde a dispersão do grupo árabe ortodoxo é bastante grande, não permite a formação de comunidades, com lugares de culto próprios e com um atendimento regular por parte de um ministro de sua religião. A situação que pudemos constatar em Lins e região é que tanto os católicos de rito oriental como os ortodoxos frequentam ordinariamente o culto católico e extraordinariamente, quando há a presença de um sacerdote de sua igreja, o culto maronita ou ortodoxo. Este é realizado uma ou duas vezes ao ano, por sacerdotes de passagem por ocasião da Páscoa, de uma festa de casamento ou outro evento importante.

Nas grandes cidades porêm, onde é possível a formação de uma comunidade, com assistência regular, também os imigrantes ortodoxos guardam fidelidade a religião de seus pais.

3. Todos os grupos não-católicos: ortodoxos, muçulmanos, drusos e inclusive protestantes acabam tendo, em maior ou menor proporção, seus filhos na religião católica. Isto faz com que, enquanto os imigrantes católicos, embora constituam pouco mais de um quinto dos imigrantes (21,7%), contam com quase 2/3 da primeira geração, ou seja, 62,2% de todos os filhos dos imigrantes árabes.

O grupo ortodoxo com 30,4% dos imigrantes conta com 2,7% dos filhos e os muçulmanos com 39,2% dos imigrantes, ficam com 29,7% dos filhos.

QUADRO V - DISTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES POR RELIGIÃO E POR PERÍODOS.

RELIGIÃO	atê 1929		1930 - 1949		1950 - 1977		total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Católica	8	80,0	2	20,0	-	-	10	
Ortodoxa	11	78,6	-	-	3	21,4	14	
Muçulmana	1	5,5	2	11,0	15	83,5	18	
Maronita	1	50,0	1	50,0	1	100,0	2	
Druso								
Protestante	1	100,0						

1(1) Em Lins, há uma Igreja Ortodoxa, construída porêm não pelos árabes mas pela colônia grega. Na cidade de São José de Rio Preto, existe uma outra Igreja Ortodoxa.

Quanto ao comportamento dos filhos dos imigrantes muçulmanos, cabe uma observação premonitória. Enquanto os ortodoxos chegaram, em sua maioria (78,6%) antes de 1930, os muçulmanos aqui vieram, em grande parte (83,5%) no período mais recente, após 1950. Neste caso a influência da sociedade brasileira se exerceu por muito mais tempo sobre os filhos das famílias ortodoxas, aqui chegadas há mais de 40 anos. É sintomático que ao ser interrogado sobre religião dos

filhos, um dos pais, de religião muçulmana, não quis declinar a religião dos mesmos, alegando serem eles menores e que ele não saberia dizer que religião iriam seguir no futuro. Nesta condição de imigrantes ainda relativamente recentes, a passagem de 22,2% de seus filhos para a religião pode ser mais significativa do que parece à primeira vista e, neste caso não estaríamos diante de uma diferença estrutural de comportamento entre os filhos da primeira geração de imigrantes, mas apenas diante de uma defasagem no tempo, sendo a tendência estruturalmente a mesma tanto para o grupo ortodoxo como para o grupo muçulmano: seus filhos, a longo prazo iriam passando para o catolicismo ou alguma das outras religiões vigentes na sociedade brasileira. Há o caso de uma das famílias em que o filho tornou-se espírita. É uma hipótese a ser investigada em outros estudos.

QUADRO VI - PROPORÇÃO DE CADA RELIGIÃO EM CADA PERÍODO

RELIGIÃO	atê 1929 %	1930-1949 %	1950-1977 %	total
Católica	37,0	40,0	-	21,7
Ortodoxa	50,0	-	15,8	30,4
Muçulmano	4,5	40,0	79,0	39,2
Maronita	4,5	20,0	-	4,3
Druso	4,5		5,2	2,2
Protestante	4,5			2,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

No período anterior ao craque da bolsa de Nova York a imigração é predominantemente ortodoxa, seguida pela católica, vale dizer, emigram os cristãos. No período seguinte, a imigração é diminuta e por isto as porcentagens são menos relevantes. No terceiro período, porém, inverte-se completamente a situação. Os muçulmanos respondem por quase 80% dos efetivos, os católicos desaparecem e os ortodoxos somam 15,8%. Esta última imigração, nitidamente muçulmana é diretamente ligada à perda pelos palestinos de suas terras, casas, aldeias

e mesmo pátria, após as sucessivas guerras travadas entre árabes e israelenses pela posse da terra palestina.

IMIGRAÇÃO EM GRUPO OU INDIVIDUAL?

A imigração do grupo estudado, apesar de estender-se praticamente ao longo de setenta anos, não mudou muito suas características. Quase dois terços das pessoas viajaram isoladamente (65,2%), ou em grupos reduzidos de 2 a 4 pessoas (30,5%), são os 4,3% restantes viajando com grupo de 5 ou mais pessoas. Infere-se daí a alta proporção do elemento solteiro e mesmo do elemento casado que viaja sem a família, para primeiro instalar-se e depois trazer esta última.

Nesta imigração realizada individualmente, não é de estranhar-se que a proporção dos homens seja esmagadora, sendo difícil para a mulher, sobretudo árabe, empreender uma imigração solitária.

PORTO DE CHEGADA NO BRASIL

A maioria desembarca em Santos, 78,3% do total, ficando o Rio com 19,5% e São Paulo (por via aérea), com 2,2%. Não é surpreendente que seja Santos, o porto mais procurado, por se tratar de imigrantes radicados no Estado de São Paulo e por ter sido este porto, a principal porta de entrada para o grosso da imigração brasileira nas últimas duas décadas do século passado e três primeiras deste século. O uso do transporte marítimo corresponde ao geral da imigração e de maneira absoluta no caso do imigrante pobre, buscando melhorar de vida noutro país ou fugindo de desastres como as duas grandes guerras e o conflito do Oriente Médio nos últimos 30 anos.

A lista dos navios utilizados inclui, de preferência barcos, italianos (Giulio Cesare, Duca d'Aosta, Principe da Mafalda, Re Vittorio, Conti Verti Enrico C, Andrea C), franceses (Provence, Providence, Bouganville), argentinos provavelmente (Mendonza, Flórida, Salta, Corriente) um alemão, (Regina) e outros mais difíceis de identificar à primeira vista (Semiramis, Britânica, Corinthuas) barcos gregos ou de alguma das bandeiras acima citadas?

Note-se a inteira ausência de barcos brasileiros, que se coadunam com a pouca tradição, até há bem pouco tempo, de navegação de longo curso, sobretudo de passageiros, sob bandeira brasileira. Esta navegação existiu e foi intensa, com abastadas famílias de armadores inclusive mulatos na Bahia e no Rio de Janeiro, durante todo o período do tráfico negreiro, particularmente intenso entre a Bahia de Todos os Santos e o Golfo de Benin na África. Posteriormente a navegação externa foi dominada para o comércio por armadores britânicos e para o transporte de imigrantes por armadores italianos.

MOTIVOS DA EMIGRAÇÃO

Com esta pergunta, procuramos determinar as razões que levaram estas pessoas a deixarem sua pátria e a buscarem o Brasil, razões é claro alegadas pelas próprias pessoas. Neste caso não teremos as causas que historicamente determinam as migrações como fenômenos coletivos, mas sim as razões que moveram subjetivamente os indivíduos a dar este passo crucial de suas existências. Alguns destes motivos espelham muito bem situações objetivas que acabaram constringendo pessoas e grupos a rumarem para uma outra terra.

A razão reponderante, tomada isoladamente foi a vontade de "ganhar dinheiro e ter melhores condições de vida", com 26% das respostas. seguida de perto (17,4%) pelo "chamado de familiares já radicados no Brasil". Estes dois fenômenos verificam-se em todas as migrações conhecidas. O emigrante sonha com uma vida melhor, talvez mais fácil, num outro lugar. O imigrante uma vez instalado, serve de "ponte" e de chamariz para outras pessoas de sua família, caso tenha obtido sucesso. A vida dos outros membros da família, é facilitado pelo conhecimento, a retaguarda e o apoio que encontram no parente que já se instalou e que dispõe de algum recurso, de uma moradia e mesmo de um empreendimento econômico.

Se agruparmos o conjunto das respostas em algumas poucas categorias, teremos o panorama seguinte: 43,5% dos imigrantes vieram para trabalhar, ganhar dinheiro e obter melhores condições de vida; 34,7% vieram para juntar-se à família, acompanhando os próprios pais

ou ainda para se casarem. Nesta situação havia uma moça, mas também um rapaz; 10,9% deixaram o país por causa das guerras (tanto a primeira como a segunda), por causa da situação do após-guerra e por distúrbios civis; 6,5% por espírito de aventura e para conhecer outros países; 4,3% não especificaram os motivos.

Um quadro frio de categorias não transmitem a veemência com que as pessoas podem retomar os motivos que as obrigaram a deixar seu país, mesmo depois de passados sessenta ou mais anos. Transcrevemos dois testemunhos que recordam a dura situação vivida pelos árabes durante o domínio turco anterior à 1ª. Guerra Mundial, onde se misturam os ingredientes do incipiente nacionalismo árabe e inconformismo de minorias religiosas carentes de liberdade.

"Sendo o Líbano, um estado pequeno pertencente à Turquia não havia progresso nenhum. Soube, por notícias, que no Brasil havia futuro" (Imigrante libanês chegado em 1912).

"Éramos mal governados. Não tínhamos direitos no Império Turco. Queríamos liberdade. Na terra de muçulmano, católico não tem o mesmo direito" (imigrante sírio, católico de rito oriental, chegado ao Brasil em 1920). Um outro testemunho confirma as razões do anterior: "O motivo foi a revolta dos muçulmanos contra os cristãos" (católico libanês, 1920).

QUADRO VII - MOBILIDADE DO IMIGRANTE

Nº DE DOMICÍLIOS	Nº IMIGRANTES	%	FREQUÊNCIA	%
1	15	32,6	15	13,2
2	16	34,5	32	28,3
3	4	8,8	12	10,7
4	4	8,8	16	14,2
5	5	10,9	25	22,1
6	1	2,2	6	5,3
7	1	2,2	7	6,2

Como interpretar este quadro? Visto que a região pesquisada, foi uma região de intensíssima imigração, a partir do início da segunda

década deste século, logo após a sua abertura através dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, não é de se estranhar que muitos imigrantes vieram diretamente para cá, sobretudo os mais antigos, e que aqui tenham permanecido. A região toda era coberta de cafezais muito prósperos entre os anos 1920-1950, permitiu muita gente fazer fortuna ou ao menos prosperar, alcançando uma posição social e economicamente estável. Por outro lado, após a década de 50, a região sofreu uma forte hemorragia no seu contingente populacional. As lavouras de café foram substituídas por pastagens e muitos dos municípios perderam no espaço de uma década, metade ou mais de sua população. Entre os censos de 1960 e 1970, a região perdeu mais de 250.000 habitantes por força do êxodo para o norte do Paraná, sul do Mato Grosso e sobretudo São Paulo e as áreas industriais mais recentes; Campinas, Vale do Paraíba, Jundiaí, Baixada Santista.

Este fenômeno deve ter afetado duplamente os imigrantes: num primeiro momento permitindo-lhes radicar-se estavelmente e num segundo estimulando sua mobilidade, na busca de outras e melhores oportunidades. A prosperidade da região até 1950, talvez explique a alta percentagem de imigrantes que aqui se radicaram sem nunca mais se mudarem: 32,6% do total. O que é comum na região é que os velhos ficaram e que seus filhos, uma vez chegada a decadência do café, mudaram-se todos, para centros maiores.

Se a pesquisa tivesse também se estendido a outras regiões, é bem provável que encontraríamos aí muitos imigrantes cuja primeira residência foi a região Noroeste e, que dotados de maior senso de oportunismo, deslocaram-se posteriormente para outras áreas mais prósperas. Isto se verifica também nos outros grupos de imigrantes. Na década de 1940, Lins contava com mais de 3.000 famílias de japoneses, número que se reduziu a pouco mais de 500 na década de 1970. A mortalidade explica parte do fenômeno, mas a grande causa foi o êxodo destas famílias para regiões mais prósperas.

PROFISSÃO

Para o estudo da profissão do imigrante, realidade determinan-

te para sua inserção no novo meio e para o status social daí decorrente, estabelecemos três momentos na análise: a profissão no país de origem sua primeira profissão no Brasil, a profissão atual comparada com as que mediaram entre sua primeira e a atual.

QUADRO XI - PROFISSÃO DO IMIGRANTE NO PAÍS DE ORIGEM, NA CHEGADA E ATUAL

PROFISSÃO	ANTERIOR		AO CHEGAR		ATUAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Lavoura	12	26,0	1	2,2	8	17,4
Comércio	13	28,3	39	84,8	30	65,2
Do lar	6	13,0	5	10,9	5	10,9
Estudantes/men	10	21,7				
Outras	5	10,9	1	2,2	3	6,5
TOTAL	46	100,0	46	100,0	46	100,0

As profissões de origem do imigrante são muito variadas, mas se excluirmos os estudantes e menores (21,7%), as mulheres que se dedicam ao trabalho doméstico (13,0%), restam-nos três grandes categorias: os que trabalham na lavoura, sejam eles operários agrícolas, arrendatários ou mesmo pequenos proprietários que precisaram deixar suas terras, em seguida a guerras ou à simples pressão demográfica: a propriedade familiar tornando-se insuficiente para abrigar, dar trabalho e sustentar os muitos filhos homens. Alguns assinalam a falta de preço dos produtos agrícolas, como causa do abandono da terra e de sua emigração.

Um segundo grupo já estava estabelecido no comércio, e este é o mais numeroso com 28,3% ou quase a metade dos efetivos se excluirmos crianças, estudantes e mulheres do lar.

Há ainda um grupo de extração urbana, constituído de pequenos artesãos (ourives, alfaiate) ou de operários não qualificados e da construção civil.

O que impressiona entretanto é que, uma vez chegados ao Brasil apenas 1 continua na lavoura, um outro, o alfaiate, que prossegue

na sua profissão e se excetuarmos novamente 5 mulheres que permanecem nos serviços domésticos, todos os outros, inclusive duas mulheres passam a exercer direta e imediatamente o comércio, como se uma mão de ferro os conduzisse a todos para o mesmo ramo de atividade.

O fato é tanto mais digno de nota, quanto quase todos os imigrantes, no período anterior a 1930, eram canalizados para a agricultura. Ora, quase 50% de nossa amostragem, é constituída por imigrantes que chegaram ao Brasil antes de 1930. Não há na vida do imigrante árabe, ainda que lavrador na origem, esta compulsão da terra aqui no Brasil. Uma das causas que talvez permita entender o fenômeno é a diferença existente entre a imigração italiana e a árabe, por exemplo. A primeira foi diretamente financiada pelo Governo da Província, depois Estado de São Paulo, pelo Império e depois pela República, recrutada por agentes a serviço do Governo e expressamente destinada a aliviar a crise de braços na lavoura do café. Este imigrante converte-se em colono, quase sempre endividado com o fazendeiro, tanto por causa da viagem como do sistema de adiantamento e fornecimento no armazém da fazenda. O imigrante árabe vem por conta própria, pobre mas sem dívida a resgatar junto ao fazendeiro e por isto goza de liberdade para buscar sua inserção econômica e social na nova sociedade. Ora, a lavoura, por causa de sua anterior tradição escravagista, seu sistema de colonato, que equivalia em muitos lugares a uma semi-servidão, não apresentava nenhum atrativo para o imigrante que talvez pudesse tentar outras oportunidades de trabalho. Acresça-se a isto que o imigrante árabe é preponderantemente masculino e solteiro enquanto o italiano chega com sua família o que diminuiu consideravelmente sua mobilidade e suas opções no mercado de trabalho. Ele necessita de casa, de trabalho imediato e de um adiantamento para poder sobreviver e sustentar mulher e filhos.

É preciso pois verificar se outros grupos imigrantes, vindos em condições semelhantes às do árabe, numa imigração individual, não teriam também se orientado para atividades citadinas, o comércio inclusive. Parece ser este o caso de imigrantes armênios, gregos e inclusive de imigrantes saídos de uma atividade agrícola, como parte dos judeus da Europa do leste que emigraram e se fixaram no co -

mércio. Seria importante estabelecer-se um estudo comparativo para elucidar a questão. A escolha do comércio pelo grupo árabe estaria ligada às condições objetivas da sociedade brasileira da época e à estrutura e tipo de sua imigração ou mais dependente da sua qualidade de árabes, ou ambas as causas estariam presentes?

Não deixa de impressionar entretanto a quase unanimidade da escolha pelo comércio, ainda que tenhamos dentro deste comércio toda gama de matrizes: do empregado ao proprietário de uma lojinha, do ambulante ao mascate e ao vendedor.

É digno de nota que mesmo quem tinha uma atividade anterior, com uma certa qualificação como é o caso de um raio-telegrafista, também este torne-se comerciante uma vez no Brasil. O seu caso tal vez se explique pelo empecilho da língua no exercício de sua profissão no Brasil.

As profissões intermediárias que representam o trânsito entre a inicial e a atual denotam a busca de nova oportunidade ou traduzem a melhoria da condição econômica do imigrante. Há assim, um vendedor que se torna dono de uma serraria, de comércio e de fazenda, Há um comerciante que passa a industrial e que atualmente é fazendeiro, um mascate que vira lojista e, outro, usineiro de açúcar. Isto nos permite entrever o significado dos 17,4% cuja profissão atual é a lavoura. Não se trata evidentemente de retorno à antiga profissão exercida no país de origem, mas o ponto de chegada de uma nova prosperidade, ou seja a aplicação do dinheiro ganho no comércio para a compra de propriedade rural. Alguns diziam com indisfarçável orgulho que atualmente eram fazendeiros, traduzindo assim de modo palpável e visível, sua ascensão de imigrante pobre e mascate das estradas do interior em proprietário rural, numa região a Noroeste, em que a posse da terra, representa o ingresso no grupo socialmente mais poderoso e privilegiado.

Note-se ainda que alguns poucos ingressam em outras atividades (de 2,2 a 6,5%) enquanto a maioria continua dedicada ao comércio. Não nos devemos iludir porém com a persistência na mesma atividade, pois há uma mobilidade social ascendente dentro do próprio comércio, expressa na passagem do ofício de mascate para o estabelecimento de

comércio na cidade, a célebre "lojinha" de roupas feitas, armarinhos, mas onde se encontra de tudo um pouco, reminiscência talvez do mascate que, para bem servir, devia trazer consigo de tudo um pouco.

A grande mudança entretanto situa-se, como assinalaremos mais a frente em relação aos filhos, dos imigrantes. Estes se sacrificam, paradoxalmente, não para que os filhos continuem a atividade econômica dos pais mas para que ingressem em outras profissões, socialmente mais reconhecidas e rentáveis. Assim estes imigrantes quase sem estudos conseguem encaminhar os filhos até o ensino superior. Estes vendedores, mascates e lojistas fazem dos filhos, médicos, professores, engenheiros, dentistas, restando uns poucos para dar continuidade à tradição comercial da família.

ESCOLARIDADE

Duas questões foram propostas a respeito dos estudos: "Quais os estudos já feitos no país de origem; que estudos iniciou ou completou no Brasil?"

Damos abaixo o quadro da escolaridade no país de origem.

QUADRO VIII - ESCOLARIDADE NO PAÍS DE ORIGEM

Estudos	Frequência	Porcentagem	Profissões		
			comerciante	agric/dom	apos/ou
nenhum	10	21,7	50,0	20,0	30,0
primário incompleto	15	28,2	53,8	30,6	15,4
primário completo	7	15,2	25,5	14,3	43,8
Ginásio incompleto	5	10,8	80,0	20,0	
Ginásio completo	2	4,3			
colegial incompleto	3	6,5			
colegial completo	2	4,3			
superior incompleto	-				
superior completo	1	2,1			
menor	3	6,5			
	46	100,0			

O grau de escolaridade dos imigrantes era bastante baixo, pois apenas um quarto dentre todos (26,0%) tinha qualquer estudo além dos quatro primeiros anos do primário, enquanto mais de um quinto não tinha estudo nenhum (21,7%). Os que não tem estudo nenhum ou apenas um ou dois anos do primário, não tendo concluído o curso, somam exatamente a metade dos efetivos entrevistados. Apenas 1 dos imigrantes tem o curso superior e apenas dois concluíram o colégio, embora alguns tenham vindo em idade pré-escolar.

Quanto a prosseguir os estudos no Brasil, apesar de a maioria possuir nenhum estudo ou uma escolaridade precária, quase 90% não voltou a pisar numa escola (89,2%). Podemos dizer que a quase totalidade está nesta situação, pois três dos que ingressaram na escola, eram menores, sem nenhum estudo no país de origem. Restam assim dois com primário incompleto que concluíram no Brasil o curso elementar e um com colégio completo que iniciou mas não concluiu o ensino superior. Deve-se levar em conta que a imigração mais ainda recente apresenta melhor índice de escolaridade.

A primeira conclusão que se impõe é que o grupo imigrante árabe, talvez por causa da língua, certamente pela necessidade de ganhar a vida imediatamente, não buscou a escola para iniciar ou continuar seus estudos. Junte-se a isto que os imigrantes de antes da segunda guerra encontravam no interior poucas facilidades de estudo e praticamente nenhuma para a pessoa já adulta e carente dos estudos do primário. Os cursos noturnos de alfabetização de adultos são posteriores à 2a. Guerra Mundial. Provavelmente, o gênero de atividade econômica inicial de muitos deles como mascate, colocou um impedimento a mais ao estudo.

Alguns adiantaram razões para o não prosseguimento dos estudos, ressaltando a dificuldade da língua, a dificuldade de adaptação dos currículos de um país para outro e a necessidade de se engajar numa atividade produtiva.

Impõe-se pois uma segunda conclusão: Toda a ascensão social do imigrante árabe, deu-se fora deste importantíssimo canal que é a Escola, sobretudo secundária e superior. Foi apenas pelo trabalho

e através de sua profissão que o imigrante conseguiu vencer na nova sociedade de eleição. A grande maioria orientou-se para o comércio. Dentre os sem escolaridade nenhuma, 50%, dentre os com o primário in completo 53,8%, dentre os com o primário completo, 28,5% e dentre os com ginásio incompleto, 80,0%. Dentre todo o grupo pesquisado, 56,5% passou pelo comércio como atividade profissional principal.

Podemos concluir que o comércio foi a escola do imigrante árabe no Brasil e o seu canal privilegiado de trabalho, sustento e as censão social.

FAMÍLIA

Carecendo o imigrante árabe nesta região de uma colônia mais numerosa que permitisse uma consistência maior em torno de uma mesma comunidade étnica, cultural e religiosa, isolado num meio estranho à sua língua e às suas tradições, não encontrando na Escola um ponto de apoio para sua inserção na nova pátria, cresce de importância a análise do seu meio familiar. A família acaba sendo tudo para o imigrante, privado de outros apoios institucionais. Ela é segurança.

Dedicaremos pois atenção especial à família do imigrante.

A primeira constatação, recobre o fato anteriormente assinalado, ou seja, que a imigração é antes de tudo masculina (94,9%), vieram solteiros para o Brasil. Dentre as mulheres 71,4% chegou solteira e 28,6% casada. Apenas 5,1% dos homens já eram casados, no seu país de origem.

Visto que a imigração é preponderantemente masculina, a menos que o imigrante faça vir de seu país de origem sua futura esposa, terá que necessariamente escolher sua companheira entre moças do país para onde imigrou. Um ou outro assinalou que casou-se com brasileira, mas filha de imigrantes árabes. No geral, não foi possível detectar, quantas das brasileiras, esposas de imigrantes árabes, eram elas mesmas filhas de imigrantes dos países árabes.

Do total dos que chegaram solteiros, 5,4% não se casou. Todas as mulheres, porém, constituíram família. Das mulheres 60% casou-se com árabes e 40% com brasileiros. Inversamente, 60% dos homens casaram-se com brasileiras e 40% com moças árabes; parte procedentes da Síria (5,7%) e parte do Líbano (34,3%).

Procuramos investigar a profissão das mulheres, com a quais os imigrantes homens se casaram: 67,5% não exercia profissão fora do lar, 10,8% ocupava-se do comércio, 5,4% era estudante e as restantes, num total de 10,8% tinha outras profissões, entre as quais professora primária, telefonista, costureira.

QUADRO IX - NÚMERO DE FILHOS SEGUNDO A NACIONALIDADE DA MÃE

NACIONALIDADE MÃE	NÚMERO DE FILHOS										M FILHOS	
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		TOTAL
Libanesa	-	-	4	2	4	1	3	1	1		16	68
Síria						1	1	1		1	4	27
Brasileira	4	4	4	2	4	3		1			22	54
Palestina						1	1				2	11
TOTAL	4	4	8	4	8	6	5	3	1	1	44	162

Note-se inicialmente que dois homens do grupo pesquisado não se casaram e quatro casais não tiveram filhos, sendo que nos quatro casos, a esposa era brasileira.

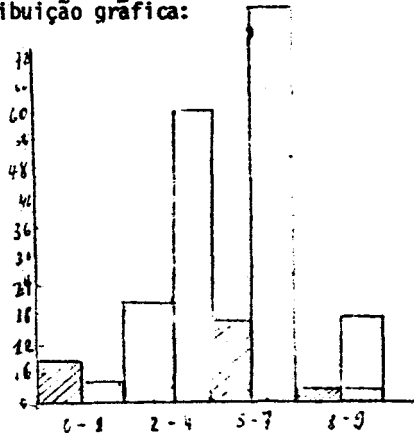
QUADRO X - NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR CASAL E POR NACIONALIDADE

NACIONALIDADE MÃE	TOTAL MÃES	%	TOTAL FILHOS	%	MÉDIA F/M
Libanesa	16	36,4	68	42,0	4,25
Síria	4	9,0	27	16,7	6,75
Brasileira	22	50,0	54	33,3	2,54
Palestina	2	4,6	11	8,0	5,50
TOTAL	44	100,0	162	100,0	3,68

Colocando-se lado a lado os dois gráficos, cabem as seguintes

considerações:

01. Se distribuirmos as famílias num grupo com prole diminuta ou sem prole (1 filho ou nenhum), noutro de 2 a 4 filhos, outro de 5 a 7 e finalmente um grupo com 8 e 9 filhos, teremos a seguinte distribuição gráfica:



Os dois grupos, o inicial e o final, são comparáveis entre si pois constituídos por duas categorias (0-1 e 8-9). No grupo inicial oito mães geram 4 filhos e no grupo final, duas mães dão à luz 17 filhos. Também os grupos intermediários são comparáveis entre si, pois abrangem três categorias (2,4,5 e 6,7,8). No primeiro, 20 mães têm 60 filhos e no segundo, 14 mães têm, 81 filhos.

02. Temos no quadro IX uma distribuição bi-modal, caindo a maior frequência igualmente nas famílias de dois e de quatro filhos, cada uma com oito representantes, seguida pelas famílias de 5 e depois de 6 filhos.

03. Se examinarmos a fertilidade feminina segundo a nacionalidade, a mulher síria é a mais fértil, com uma média de 6,75 filhos, seguida pela mulher palestina, 5,50 e pela libanesa 4,25. A mulher brasileira apresenta uma fertilidade bem abaixo da média das três outras, ou seja 2,54. Há aí um comportamento diferencial, onde a mulher árabe apresenta uma alta fertilidade e a mulher brasileira uma baixa fertilidade, no seu casamento com o imigrante árabe. Não nos ocorre explicação convincente para o fenômeno, que mereceria ser investigado.

04. Em decorrência do ítem anterior, as mulheres libanesas, embora menos numerosas do que as brasileiras, respondem por 42% dos filhos, ficando as brasileiras em segundo lugar com 33,3% no total, as 22 mulheres árabes tem 109 filhos e as 22 brasileiras, 56.

Ficam duas questões a serem estudadas: O que levaria o imigrante árabe a ter, em média, uma prole bastante numerosa? Seria tradição da família árabe? O que levaria por sua vez, a mulher brasileira, casada com o imigrante árabe, a ter uma prole bem menos numerosa, inclusive em relação à média vigente para a mulher brasileira no mesmo período?

Para completar o estudo sobre a família, resta-nos dizer uma palavra sobre a profissão dos filhos.

Se excluirmos do total de 161 filhos, os falecidos (4), os menores (15), os estudantes (44) e aqueles sobre os quais nada foi de clarado (10), num total de 73, restam-nos 88 outros que já trabalham e cujas profissões conhecemos e que obedecem a seguinte distribuição por ordem de maior incidência:

PROFISSÃO	NÚMERO	%
Professor	26	29,5
Profissionais Liberais	19	21,5
Doméstica	14	16,0
Comerciante	14	16,0
Fazendeiro/pecuarista	8	9,0
Serviços	7	8,0
Total	88	100,0

Se compararmos as profissões acima discriminadas, não deixa de impressionar o fato de que um bom número dentre elas, exige uma longa escolaridade. Ora, os pais destes professores e profissionais liberais (que juntos perfazem 51% do total), tiveram no mais das vezes nenhuma ou quase nenhuma escolaridade. É digno de menção também

o fato de que a profissão predominante dos pais, o comércio, é pouco seguida pelos filhos.

Se compararmos as profissões acima discriminadas, impressiona o fato de que bom número dentre elas exige uma longa escolaridade. Ora, os pais destes professores e profissionais liberais, entre os quais contam-se sete médicos, cinco dentistas, três engenheiros civis e um agrônomo, um farmacêutico e um advogado, um administrador de empresa, além de funcionários públicos, ou não receberam nenhuma formação escolar ou apenas receberam uns rudimentos de ensino. Se sua ascensão social, quando houve, foi devida exclusivamente ao trabalho, a dos filhos é fruto essencialmente dos estudos.

O segundo fato relevante é resultado da comparação entre a profissão dos pais e a dos filhos. Entre os primeiros, predomina o comércio: 61% dos imigrantes eram comerciantes. Apenas 16% de seus filhos continuam nesta profissão. O comércio pois é típico somente na geração que imigrou. Já na primeira geração cede o lugar para os que buscam a carreira do magistério e para os profissionais liberais.

É notável neste sentido a rápida ascensão social obtida pelo grupo imigrante árabe já na primeira geração, merecendo ainda destaque a presença relativamente numerosa de proprietários de terra, fazendeiros e pecuaristas, num grupo cuja orientação inicial foi citadina e não voltada para atividades da agricultura e da pecuária. Isto é fruto justamente do capital acumulado no comércio e que tende a diversificar a sua aplicação, surgindo a terra como um dos investimentos seguros e que, além disso, conferem na região Noroeste um status social privilegiado

NOVAS TÉCNICAS

Nesta parte do questionário que se refere mais diretamente à temática do Simpósio: o homem e a técnica, lamentavelmente, as respostas não se revelaram satisfatórias, que por ausência de critérios quer por terem sido incompletas ou não respondidas. Para ilustrar, vejamos como os entrevistados reagiram à indagação: Indique uma ou mais coisas que os brasileiros não sabiam fazer e os imigrantes sim,

ao chegar no Brasil'

Não responderam	-	15	
Não sei	-	7	
Nada	-	<u>2</u>	
Total		24	52%

Este índice de 52% eleva-se caso acrescentarmos a ele algumas respostas subjetivas ou imprecisas tais como: "brasileiros não sabiam trabalhar", "preocupação com o futuro; pois é só", "no comércio pecuarista pelo menos 40% dos brasileiros aprenderam com os árabes", "mais trabalhador, mais persistente". Tal aumento representa 17,5% que somado ao interior resulta em nada menos de 69,5%. As demais respostas ou seja 30,5%, embora objetivas, não eram, quase todas, explícitas.

Técnica comercial	-	06	13%
Trabalhos do lar: renda séria e pratos típicos	-	05	11,8%
Atividade agrícola	-	03	

O contingente maior 13% referiu-se à técnica comercial sem entrar em detalhes, 10,9% prendeu-se ao lar e 6,6% ao trabalho com a terra, sendo uma sobre enxerto e as outras sobre o plantio de trigo, cultura milenar do imigrante do Oriente Médio.

A pergunta seguinte, "Conservou sua família alguma técnica artesanal ou outra, de seu país de origem?", infelizmente, teve mais respostas negativas:

Não responderam	-	16	35%
Não sei	-	24	52%
Sim (sem especificar)	-	<u>02</u>	4,3%
Total		42	91,3%

Os demais entrevistados, 8,7% referiram-se à feitura de pão caseiro, bordados, costura, e outros afazeres domésticos. Um referiu-se a "mascatear", todos porém sem detalharem suas respostas.

Sabemos que o pão caseiro é feito misturando-se a farinha de trigo com água, adicionado o fermento, e posta a massa para "descan-

sar". Mais tarde, usando-se uma mesa ou tábua de madeira, toma-se um punhado de massa, abre-se e pressiona-se com os dedos até atingir uma circunferência aproximada de dois palmos; passa-se então a massa para os braços para esticá-la, jogando-a de um braço a outro até ficar bem fina e com circunferência de quase um metro. A massa é então assada sobre o "sajj", um artefato de metal que se assemelha a uma semi-esfera achatada, convexa, que se coloca sobre o fogo. O punhado de massa é passado na farinha, para não grudar. Depois de assada de um lado, a "folha" é virada para assar do outro. Este pão é muito comum em alguns dos países de origem dos imigrantes, especialmente nas pequenas aldeias e se conserva por mais de uma semana. Não confundir este pão com o chamado "pão sírio" muito comum em restaurantes e "lanchonetes" árabes. O mestre Eurípedes Simões de Paula referia-se a este pão que os imigrantes chamam de "Khibzis' sâjj" como "guardanapo que se come"; outros a ele se referem como "pão de metro". Vale ainda dizer que, tradicionalmente, o fogo é alimentado por lenha embora, hoje em dia, use-se gás ou combustível de petróleo devido à sua industrialização e venda no varejo.

As respostas à pergunta seguinte foram um pouco mais ricas oferecendo um material valioso e que comprova também a tese da importância da família como suporte de manutenção de valores culturais do imigrante: "Que costumes sua família conservou?"

Para demonstrar a integração que se processou com o imigrante no seu novo meio, basta ver o índice dos que não responderam a esta pergunta e dos que indicaram como resposta "nenhum": 34,8%. Os demais, ou seja, 65,2% dos consultados deram ensejo a uma verificação extremamente interessante quanto à vida no lar e na comunidade, quer de brasileiros, quer de árabes. 15,3% declararam manter os costumes orientais na família, ressaltando a união dentro e em torno da mesma. Referem-se à hospitalidade, a serões noturnos, à música e a dança. Alguns ouvem música de rádios de além-mar, para isso levantando-se cedo. 21,7% falam de sua alimentação e de pratos e doces típicos que se conservaram no seio da família. Apenas um destes informantes refere-se à indumentária.

Na educação dos filhos e na prática religiosa, 8,8% falam das qualidades que tentam embuir nos seus descendentes: honra, honestidade, luta pela vida e vivência religiosa. Curiosamente, um declara guardar o Ramadã, apesar de não existir mesquita na região, enquanto que outro afirma ter criado os filhos na fé católica.

8,7% indicam, como fator de preservação de costumes, o uso da língua árabe no lar e na comunicação com outros imigrantes, de mes ma fala. Em algumas das entrevistas realizadas tivemos a oportunidade de verificar que o uso deste código linguístico tinha sido passado aos descendentes. Estes contatos valeram para constatar a existência de variantes regionais em seu linguajar. Tal aspecto constitui-se num campo muito rico, para quem queira se dedicar a estudos linguísticos comparativos.

10,7% se referem a eventos sociais típicos: falam de festejo de casamentos, com duração de três dias; do hábito de fumar narguilê e, por fim, do auxílio que os imigrantes mais antigos oferecem à queles que chegam depois.

No que se refere à última pergunta deste tópico do questionário: "O que vocês mais lastimam haver perdido?", temos uma diminuição de respostas de sentido negativo. Mesmo assim, o percentual dos que não responderam e dos que declararam "nada" é ainda expressivo: 39,1% indicando, cremos, uma integração de mais de um terço destes imigrantes no meio brasileiro; índice apreciável se lembrarmos que bom número deles aqui chegou nos últimos 20/25 anos.

Quanto ao que o emigrado lamenta haver perdido temos a recorrência dos seguintes termos:

1º - Família ou seus parasinônimos: parentes, pais, pai, mãe, irmãos, ocorre 12 vezes, ou seja em 26,8% das respostas. Lamenta-se da ausência, distância, perda e manifesta saudades de familiares perdidos inclusive na guerra. 6,52% referem-se a uma quebra no bom relacionamento familiar que denota um desajuste em função do novo meio e seus costumes;

2º - Propriedade aparece com o índice de 6,52% e sua perda é indicada como "deixada", "perdida na Palestina" e "abandonada";

30 - Pátria é representada, coincidentemente, por 6,52% também, só que a ocorrência relaciona-se, além da "guerra da Palestina", com nostalgia pela "terra natal".

Esta nostalgia aliás, se manifesta em relação a elementos diferenciados dos enumerados acima, alguns sendo de caráter psicológico é subjetivo: clima de montanha, frutas e alimentos saborosos (uva, melado de uva, azeitona, trigo substituído pelo arroz), água, passeios, reuniões, festas árabes, caçadas, etc.. Lamenta-se ainda "escola não terminada", costumes e hábitos e, finalmente, amor. É óbvio que os elementos supra não são comuns a todos os imigrantes mas podem, a nosso ver, revelar aspectos e facetas interessantes da estruturação psico-social do árabe, sua família e do meio no qual ele se insere.

TÉCNICA COMERCIAL

Partindo da nossa compreensão da técnica no seu sentido mais amplo de "saber fazer" supomos que nossos entrevistados nos forneceriam as informações necessárias quanto aos seus procedimentos e técnicas comerciais. Tabulados os dados levantados, constatamos que as respostas continham não como os imigrantes faziam mas o que faziam, isto é, as atividades, dentro do comércio, exercidas por 86,6% deles, pois que 13,4% declararam não ter tido qualquer tipo de atividade comercial. Lembrando ter havido mulheres e menores, podemos concluir que este índice é extremamente expressivo. Antes de reproduzirmos o quadro convém frisar que vários deles se colocaram em mais de uma das categorias dadas.

Mascate	21
Viajante	06
Lojista	28
Outro	06

Vê-se pelo quadro acima que o imigrante se envolveu em várias modalidades de trabalho ligadas ao comércio antes de se definir por um tipo de atividade terminal. No ítem "outro" temos um ligado ao fabrico e venda de salgadinhos e um comerciário.

Como, onde e com que o imigrante aprendeu a arte comercial?

Aprendeu com	No Brasil	Na Síria	No Líbano	Noutro Lugar	Como
os pais	08	02		01	Praticando,
irmãos	03		01		Vivendo,
tios	01				Apanhando pelo
sogro	01				do mundo e
amigos	06		02		Nas ruas de S.Paulo
marido	01				
sozinho	11			03	

Para reforçar o caráter individual desta imigração, verificamos que o contingente maior aprendeu sozinho (um deles na Colômbia), vindo a seguir o grupo "com os pais" e o 3º mais expressivo "com os amigos". Os demais atribuem seu aprendizado a outros elementos da família. Diante desse quadro vemos que os fatores determinantes de exercício profissional prendem-se à capacidade do imigrante de enfrentar seu ofício de modo empírico e quando tem quem o ensine, este elemento está ligado ao seu universo familiar: aos amigos que, com razoável segurança, podemos concluir serem em sua maioria, seus compatriotas. Como já vimos e agora comprovamos mais uma vez, não houve uma instrução formal do imigrante.

A última pergunta relativa à prática comercial: "Recorda-se de algum procedimento comercial, típico do imigrante árabe?" as respostas obtidas suscitam algumas considerações, 43,5% nada tinham a dizer ou não se recordavam. O grupo maior, ou seja, 46,5% novamente forneceu elementos subjetivos se bem que alguns tenham manifestado quanto a procedimentos válidos.

Mascatear	08	
Pechinchar, insistir	04	
Psicologia (usar de)	02	
Crédito (dar)	02	
Total	16	34,8%

Os demais informantes, 11,7% falam em "expor mercadorias", "procurar artigo mais barato", "trabalhar com artigos árabes", etc.. Cumpre notar que, embora a amostragem seja pequena, através das respostas

obtidas pode-se deduzir que o imigrante árabe trouxe para a área de Lins, em particular, uma série de técnicas peculiares aos povos semitas: as vendas à crédito, efetuadas por ocasião de suas andanças, não eram favoráveis apenas ao mascate mas satisfaziam também, o comprador, que não tinha necessidade de deslocar-se até a cidade distante, abandonando seus afazeres na casa e na lavoura. Por outro lado, cobrando, praticamente, o valor da mercadoria na primeira prestação, o mascate nada tinha a perder, pelo contrário, cada vez que voltava em busca do pagamento, geralmente mensal, tinha oportunidade de vender novas mercadorias, nas mesmas condições da anterior. Com os contatos sucessivos, aprendia a conhecer sua freguesia; aprendia a "insistir" nos pontos fracos do seu freguês que, não raro, transformava-se em seu amigo; aprendia a "psicologia" do seu comprador e não titubeava, por certo, em pedir um preço inicial elevado para poder vender, finalmente, por outro, mais baixo, depois do verdadeiro ritual de "pechinchar" a que se referem 8 dos nossos entrevistados. É bem verdade que todas estas técnicas a que acabamos de nos referir, acham-se de tal modo integradas no comércio nacional, que difícil se torna ligá-las ao mascate, mas se nos valermos da origem do próprio termo veremos confirmada a afirmação anterior. É sabido que quando em 1507 os portugueses tomaram a cidade de Mascate, na Arábia, porto situado na costa sul do Golfo de Omã, conservaram a mesma sob seu domínio, até 1658. Os portugueses que seguiam para aquela cidade árabe, levavam mercadorias para ali as trocavam ou barganhavam e quando voltavam a Portugal, eram chamados de "mascates". A alcunha não tinha conotação pejorativa mas estava apenas ligada ao comércio com Mascate. Até então, o vulgo do mascate era "matraca", vocábulo também de origem árabe - El-Matrac, nome dado aos libaneses que mascateavam no Brasil, durante os séculos XVII e XVIII, segundo Bastani, em "Memórias de uma Mascate".

TÉCNICA AGRÍCOLA

Na parte do questionário referente à lavoura nosso interesse principal prendia-se à tamareira, planta existente na Região e que está produzindo. Seu plantio é extensivo e tem dado tâmaras após 10/12 anos. Apenas um dos informantes declara ter trazido a planta

para a região, mas como a entrevista foi feita por uma das universitárias e não por nós, não pudemos reunir mais detalhes. Um dos libaneses que está distribuindo mudas de tamareira e cuja filha entrevistamos deu-nos a informação de que seu pai havia obtido as sementes na Califórnia. Sabemos agora que existem tamareiras produzindo e sabemos também que não se conseguiu ainda secar o fruto embora tenha havido tentativas nesse sentido. É nossa intenção voltar ao assunto para conhecê-lo em maior profundidade, pois importamos tâmaras e quem sabe isto possa vir a ser evitado. O clima da noroeste revelou-se apropriado subsistindo talvez o problema de maior umidade no ar em comparação com o habitat natural da tamareira na Arábia, ou talvez seja fator preponderante a estabilidade climática das estações entre a região noroeste e o Oriente.

Voltando ao questionário, limitar-nos-emos a reproduzir os dados fornecidos sem nos estendermos em comentá-lo por não termos podido testar os mesmos. As dúvidas são geradas em função de saber se as plantas referidas foram realmente trazidas do país de origem ou se de outras partes do Brasil para a Região. 69,5% responderam pela negativa ou não responderam. 30,5% falam de tamareira, oliveira, algarobeira, tamarindo (palavra de origem árabe: tamr il-Hind, fruto da Índia), macieira, videira e cafeeiro(?); manjerona, hortelã, planta aromática a partir da qual se faz perfume; sementes de flores (boca de leão) e, finalmente, cedro do Líbano. Esta última causa surpresa por ser árvore de clima temperado para frio. O que não é o caso da Noroeste. Infelizmente, não há descrição de como se cuida destas plantas nem se algumas sofrem processos de extração, caso de "otr.

Quanto à última pergunta: "Trouxe algum instrumento de trabalho próprio de seu país?" todas as respostas foram negativas.

COZINHA

O impacto da cozinha árabe em várias regiões e cidades do Brasil é muito grande em praticamente todas as camadas da população. O

notável Rodrigues diz que o tradicional cuscuz foi trazido pelos negros muçulmanos ou islamizados da África, citando, além deste, outros pratos já incorporados na culinária brasileira. Tivemos então dois momentos da introdução de alimentos que os árabes consumiam ou passaram a consumir e difundir: o 1º que iria até meados da segunda metade do século passado e o 2º que resultaria da "grande imigração", o anterior mais palpável no Nordeste e o atual mais marcado no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país. O quibe e a esfiha (esfirra) são tão frequentes na comida quanto a pizza e o espaguete embora, comparativamente o contingente de origem árabe seja muito inferior ao de origem italiana. Em termos de cozinha dos imigrantes, pelo menos nas capitais e principais cidades do Centro-Sul a comida mais apreciada e que disputa a preferência do brasileiro é a italiana, árabe e, nos últimos anos, a chinesa.

Nossos entrevistados, em sua maioria, responderam pela afirmativa no atinente à conservação do receituário familiar no preparo de alimentos. A comida é preparada a partir de carnes, cereais, verduras e sub-produtos de leite. Faremos uma simples enumeração dos pratos citados sem nos preocuparmos quanto a sua frequência. Nada diremos também quanto ao modo de prepará-los, pois todos têm suas receitas no recente trabalho do Prof. José Khoury, ARTE CULINÁRIA SÍRIO-LIBANESA, Ed. Com. Safady, São Paulo, 1976, cuja 1ª edição está praticamente esgotada. Os pratos são:

Quibe (cru, frito, assado, cozido na coalhada. Além de ter como base a carne, pode ainda ser preparado com peixe, batata.

Húmus (grão de bico)

Tabule (espécie de salada a base de trigo e verduras)

Esfiha (além da carne, pode ser feita de verduras)

Mjãddara (lentilha cozida com arroz)

Burgul (trigo cozido)

Abobora, beringela e folha de uva recheadas (carne e arroz)

Tripa de carneiro e bucho recheado

Cãfta (carne moída preparada com bastante cheiro verde)

Lāban e Lābne (coalhada fresca e coalhada seca)

Charuto (recheado de repolho e folha de uva - Mīhxe)

Galinha recheada

Ruz b' dfin (cozido de arroz com repolho picado)

Za'tar (planta picada, semelhante a oregano, e temperada)

Xix b̄arac (pequena massa recheada e cozida na coalhada)

Snaubar (semente de pinho que cresce na bacia do mediterrâneo e é encontrado no extremo meridional da América do Sul)

Labaniē (cozido de coalhada)

M̄isqui (almiscar)

Doces s̄irios

Conservas e condimentos

MEDICINA CASEIRA

Nesta parte do questionário, como de resto nas outras, referen-
tes às técnicas, poucos informantes responderam às perguntas formula-
das dando, em sua maioria respostas incompletas. Muitos abstiveram-
-se de fornecer quaisquer dados. Contudo, um ligeiro exame revela
alguns usos que podem se respetir em qualquer lar de comunidade pe-
quena, quer seja de imigrantes quer não, principalmente numa regi-
ão marcada pelo predomínio de atividade agrícola e agro-pastoril.

Vejamos alguns destes remédios indicados e para que servem: pa-
no (encharcado) de vinagre, azeite morno, batata em rodela, fo-
lhas amargas, chã de broto de eucalipto, de azeitona e de maramaia
(folhas) - sem indicação de finalidade; canela, camomila e alho cozi-
do com ovos para resfriado e dor de barriga; chã de alho, de erva
doce e de canela para resfriado, através de infusão, como calmante
e para dores em geral; chã de hortelã, contra febre, dores de cabeça
e de barriga; chã de rosas, usado contra oicitas, cólicas e dores de
barriga; óleo de gergelim aquecido para dores intestinais, de ouvido
e de dentes; emplastro de vinagre e gargarejo.

Duas práticas descritas, uma para tratamento de reumatismo e a
outra para aliviar os pulmões, a tosse e a gripe. A primeira, denomi-
nada pelo informante de "Kai" (?), é assim: Queima-se abaixo do joe-
lho, coloca-se um grão de bico, enrola-se com uma folha verde de u-
va. Começa-se com metade de um grão para depois, com o aumento da

queimadura , coloca-se um grão de bico inteiro, de dez em dez horas. Limpa-se e troca-se o grão durante meses. A segunda, ainda praticada por aldeões do Monte Líbano, consiste em queimar pedaços de pa - pel que são jogados em um copo que então é virado e colocado sobre as costas (região pulmonar), repetindo-se várias vezes a mesma operação.

Por fim, temos o uso de água de rosa como colírio. As pétalas são fervidas, coado o produto assim obtido e colocado em vidros para uso posterior.

COSTURA

Neste último ítem da pesquisa onde se pergunta: "Conservaram as mulheres alguma técnica própria para fiar, tecer ou bordar? Qual?" obtivemos as seguintes respostas: Bordado prateado em vestidos, bordado com motivos árabes (camelos), tatriz - técnica usada para adornar trajes típicos, referida por cinco informantes. Trabalhos de agulha ('ibre), crochê, tricô, confeccionando-se artigos de lã (blusas com duas faces) e outros artigos, inclusive com uso de fios brilhantes, renda síria, colchas de retalhos, tapetes árabes com fio puro de algodão , renda turca (churulo ibre), toalhas com franjas desfeadas, jogos de cozinha e meias. Alguns referem-se ainda a trabalhos de bordado recheado, ao "macúque" e a serviços executados com auxílio de máquinas.

Embora não tenhamos ficado de tudo satisfeitos quanto aos resultados obtidos pelo levantamento referente às técnicas do imigrante, cremos ter dado início a um estudo que poderá vir a ser ampliado e no qual os dados constituintes da problemática do imigrante árabe no Brasil e seus desdobramentos possam ser melhor compreendidos e equacionados. Como são pouquíssimos os estudos existentes e sendo , mesmo estes, trabalhos limitados a um ou outro aspecto da questão , toda pesquisa que se fizer ajudará a alargar o espectro e a perspectiva da presença do árabe na América portuguesa, particularmente a dos sírios e libaneses.

* *

*

INTERVENÇÕES

Do Prof. *Diores Santos Abreu* (UNESP. Presidente Prudente)

Disse:

"Sugiro ao expositor enfatizar na futura publicação do trabalho, os seguintes aspectos:

1º. A presença dos árabes em todas as frentes pioneiras do Brasil;

2º. A sua função de agente do capitalismo industrial no interior brasileiro, pois através do comércio varejista, distribuía entre as populações pobres os artigos industriais europeus importados.

3º. A sua contribuição na técnica comercial, com o sistema de prestações".

*

Da Profa. *Maria da Conceição Martins Ribeiro* (UNESP. Franca).

Declara:

"Corroborando o depoimento do Prof. Diores Santos Abreu, gostaria de lembrar o testemunho do antigo Presidente do Estado de São Paulo, Altino Arantes, que havendo visitado o Estado do Mato Grosso no início do século, observou o papel "civilizador" (expressão usada por ele) do mascate sírio (também conhecido como "turco" no interior do Brasil) porque serviu de elemento intermediário entre a "civilização" e o "mato".

* * *

*

RESPOSTAS DO PROF. JOUBRAN JAMIL EL MURR.

Ao Prof. *Diores Santos Abreu*.